

## **PROFESSORES DE ARTE E MUSEUS: TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO**

Diana Tubenchlak Peres / PPGA – Universidade Estadual Paulista

### **RESUMO**

Este artigo apresenta o processo de pesquisa, em andamento, do mestrado intitulado “A formação continuada de professores de artes em instituições culturais e suas reverberações em sala de aula” ressaltando o processo de escuta a partir de entrevistas, que destacam as histórias de vida de professores que frequentam tais formações. Três aspectos centrais são abordados no sentido de decupar as camadas que emergem neste processo, são elas: as motivações que levam os professores a procurarem as formações continuadas com ênfase no caráter subjetivo das buscas pessoais; o potencial historicizador das histórias de vida e a expansão das discussões acerca do ensino da arte, circunscrito em ambiente escolar e acadêmico, para outras camadas da sociedade.

### **PALAVRAS-CHAVE**

formação de professores; museu e escola; ensino da arte.

### **ABSTRACT**

This article presents the research process, in progress, of the masters entitled “The continuing education of Art teachers in cultural institutions and its reverberations in the classroom”. Focusing (or highlighting ou concentrating) on a listening process through interviews which are focused on the history of life of the teachers who frequently attend training sessions. Three main aspects are being approached with the aim to redeem the layers emerged within the process which are: the motivation that takes teacher to look for continuing education with emphasis in the subjective character of personal search, the potencial of life stories and the expansion of the discussion about Art teaching, present in the school and the academic environments, to others layers of society.

### **KEYWORDS**

education of teachers; school and museum; art teaching.

## **Processos de formação: camadas subjetivas**

Conhecer professores que frequentam visitas, cursos e palestras em museus de arte e ouvir suas histórias de vida acerca da presença desta relação artístico-cultural e de como relacionam o que vivem nestas ocasiões com o cotidiano profissional nos trouxe uma mudança de paradigma acerca dos objetivos do que podemos chamar de formação continuada.

A ideia deste tipo de formação, que poderia simplesmente estar voltada ao ato de reciclar-se e atualizar-se, toma outra dimensão ao ouvirmos os relatos. As camadas subjetivas, inerentes às histórias de vida emergem de forma surpreendente, revelando a potência do museu como espaço de interação, que se configuram como espaços subjetivos de troca e cooperação, que tangenciando a porção pessoal e profissional, dá sentido as narrativas dos professores (NÓVOA, 1995).

A ênfase pela busca por atualização de conteúdos, muito presente no ideal de reciclagem profissional, dissolve-se dando espaço a potentes camadas de enlaces entre a vida pessoal e profissional destes indivíduos, que de forma consciente ou não costuram o que vivem, o que criam e o que sentem aos seus planos de aula e propostas de ensino.

Investigar o que motiva a busca por estas programações oferecidas pelos museus, para além da formação acadêmica, nos trouxe a delineação de características aqui apresentadas em três grupos. Cada professor pode apresentar um, dois ou todos os grupos descritos abaixo:

- A visita às mostras de artes visuais faz parte de suas histórias de vida e muito contribuíram para a escolha profissional como, por exemplo, cursar licenciatura em Artes. Desta forma, visitar exposições e frequentar as programações oferecidas para eles representaria o enlace entre sua vida pessoal e profissional, seria o que – dos seus gostos e aspirações do passado, de sua juventude – permanece no seu cotidiano da vida adulta, tangenciando sua carreira. A fruição e a produção artística pessoal, no caso de atividades de ateliê, têm a maior ênfase atribuída, visto que muitos pararam de produzir seus trabalhos artísticos quando começaram a lecionar.

- As propostas oferecidas nas programações são vistas como laboratórios e fontes de pesquisa; neste caso, o professor tem o foco nas aulas que realizará para os seus alunos. Sua participação em cursos e visitas é voltada para o que pode apreender e desenvolver em sala de aula. Sua postura vai além da fruição nas exposições, pois o mais importante naquele momento é o apanhado de referências bibliográficas, metodológicas, o uso de materiais e linguagens artísticas. Retornar às exposições com os seus alunos em visitas mediadas é uma questão primordial.
- O encontro entre seus pares e a proximidade com os educadores e funcionários que trabalham nas instituições culturais são de fundamental importância. Muitos professores tornam-se amigos e passam a frequentar diversas instituições culturais juntos, formando uma rede de cooperação para além das questões pertinentes ao ensino da arte; uma rede de ajuda mútua, que funciona também como uma espécie de agenda cultural para professores. Além disso, para este grupo, o diálogo com maior proximidade aos funcionários das instituições culturais apresenta-se como uma forma de conhecer os bastidores e trocar experiências com indivíduos que, apesar de terem uma formação igual ou parecida, optaram por um caminho profissional diferente. A adaptação das atividades realizadas no museu para a estrutura da escola é um assunto recorrente, já que há o diálogo entre colegas professores que conhecem sua realidade profissional, em alguns casos precária, para adequar as propostas e seus encaminhamentos.

Apresentar tais grupos denota a necessidade de decupar o que está intrínseco em tal motivação e principalmente em observar o movimento pendular entre a busca profissional e pessoal, talvez indissociável no caso da docência.

Marie-Christine Josso, pesquisadora das narrações de profissionais centradas em suas formações ao longo de suas vidas, define história de vida como o processo de conhecer a si mesmo através da elaboração dos pensamentos sobre diferentes aspectos das individualidades, que reverberam também nas escolhas de percursos formativos (JOSSO, 2007).

A autora, que em sua metodologia alterna a construção da história dos participantes em momentos individuais e de trabalho em grupo, utiliza o termo “singular plural”, criando um fluxo em que as descobertas das singularidades alimentam a história coletiva.

A escuta das singularidades dos indivíduos que buscam suas formações em espaços museológicos, na presente pesquisa, ganha a dimensão singular plural, com a fundamental contribuição que as particularidades de cada indivíduo possam trazer, atingindo também a dimensão cultural e sociológica, nos levando a investigar quais as contribuições que as formações oferecidas pelos museus podem trazer para a sociedade.

Josso também comenta como a relação com as artes aparece nas narrações dos participantes de sua pesquisa, enfatizando que em muitas delas aparece a relevância das obras artísticas em suas vidas, as define

como alimento da vida interior, fontes de referência para simbolizar situações, acontecimentos impossíveis de verbalizar, descobertas de outros universos possíveis, uma busca e uma construção de laços, de convívios que também permitam outros olhares sobre si, permitam descobrir em si outras potencialidades, sentir-se ligado em sua humanidade a seres desconhecidos, portadores de sensibilidades vizinhas ou totalmente 'estrangeiras', utilizar essas/suas produções artísticas como mediação para falar de si e de sua visão de mundo, etc. (JOSSO, 2007, p.429)

Levando em conta que a pesquisadora não tem seu foco em professores e museus de artes, constata-se a relevância das citações referentes ao universo artístico quando se trata de histórias de vida em geral. No nosso caso o próprio objeto de pesquisa funda-se em tal universo, trazendo à tona um grande potencial das narrativas que tem a arte como ferramenta, analogia, campo de trabalho e estudo, fruição e apreciação estética, entre outros.

É notável a presença de *se falar de arte* quando o assunto entra no campo do subjetivo e do sensível, de forma que o objeto artístico seja *“aquela parte daquela música...; uma pintura que vi naquela ocasião...; quando entrei naquela instalação...”* colabora com a expressão do indizível que permeia as narrativas.

### **Histórias que constroem história**

A dimensão singular plural, já abordada neste texto, relaciona-se com o que entendemos como história oral, já que esta metodologia propõe que a historiografia pode também ser feita a partir de testemunhas dos tempos em que viveram, entendendo que as narrativas pessoais podem compor o cenário de um todo. Um determinado fato histórico pode ser

composto com múltiplos pontos de vista, trazendo um mosaico de sensações, sentimentos e ações para compor algo que aconteceu.

Sobre este assunto a historiadora Priscila David, estudiosa da história oral como metodologia, argumenta que

mesmo que estas lembranças indiquem a representação do indivíduo sobre determinado fato ou evento, elas estão carregadas de densidade histórica e demonstram as múltiplas visões do passado, um ponto de vista do indivíduo que demonstra muito de si e do grupo ao qual ele pertencia. (DAVID, 2013, p.160)

Em uma entrevista, uma professora que já leciona artes há 35 anos foi indagada sobre os programas de formação que já frequentou, sem haver nenhuma insinuação por uma perspectiva histórica na pergunta, a demanda era apenas que citasse os programas de formação das instituições que participou. Entretanto, a entrevistada respondeu longamente trazendo uma narrativa histórica das formações oferecidas desde a década de 1980 até os dias de hoje na cidade de São Paulo, citando fatos, nomes de governantes ligados a secretaria de educação, principais formadores do início de sua carreira como Ana Mae Barbosa e Regina Machado e instituições como MAC e MAM.

Esta entrevista nos trouxe o potencial historicizador que esta forma de pesquisa pode alcançar, já que a escolha por entrevistar professores que frequentam formações em instituições culturais ao longo de suas carreiras pode trazer à tona dados históricos que constituem os caminhos da história da relação entre museu e escola.

Como vimos, a entrevistada citada frequenta tais formações há cerca de 30 anos, desde o seu ingresso na docência, este período de tempo é marcado por muitas mudanças no ambiente educacional, artístico e cultural; no que diz respeito aos cenários e atores; formas de financiamento e políticas públicas menos ou mais voltadas para formações de professores; entre vários outros fatores. Estas camadas tendem a aparecer de forma objetiva ou subjetiva nas entrevistas de acordo com o tempo vivido; o tempo em que frequenta tais formações; seu olhar crítico e político e, principalmente, como percebe cada situação vivida.

Para Josso:

A auto-orientação de si, subproduto de nossa criatividade (a invenção de si), torna-se uma tomada de poder sobre a maneira como cada individualidade pode descobrir sua singularidade, cultivá-la, inscrevendo-se num continuum sociocultural, isto é, numa história coletiva. (JOSSO, 2007, p.430)

Ao emergir o potencial historicizante contido nas histórias de vida fica ainda mais explícito como as inter-relações entre museus e escolas formam uma teia de influências e reverberações que apontam possibilidades de desenvolvimento para as ações dos dois campos.

### **O ensino da arte mais próximo de outras esferas sociais**

Qual a relevância da disciplina de artes no ambiente escolar?

Qual a presença das artes e discussão sobre ela nas vidas dos adolescentes?

Os adolescentes visitam museus e exposições de arte espontaneamente?

Não encontraríamos respostas fechadas para as questões acima, afinal trata-se de um terreno heterogêneo, complexo e multifacetado, entretanto ao olharmos ao nosso redor fica claro a pouca relevância destes itens no cotidiano e imaginário juvenil. Imanol Aguirre trata deste assunto no texto *Imaginando um futuro para a educação artística* (AGUIRRE, 2009), apesar de construí-lo a partir da realidade educacional espanhola, encontra correspondência com a brasileira.

O autor apresenta a velocidade das transformações dos nossos tempos, os modelos educacionais ultrapassados e o isolamento dentro dos muros das escolas, alguns dos fatores geradores de tamanho desencontro entre jovens espectadores e as práticas culturais e artísticas. Argumenta que é imprescindível a transformação das práticas e ideais do ensino da arte, já que parecem desapropriados para o futuro, mesmo sem o conhecer, e já obsoletos para o presente (AGUIRRE, 2009).

A inter-relação entre museus e escolas pode colaborar com o debate de questões que, isoladas em um dos dois espaços, com pouca ou nenhuma reverberação às demais esferas da sociedade, precisam estar presente em novos territórios.

Ao considerarmos os museus de arte potenciais espaços de formação continuada para professores, abrimos a discussão acerca do ensino da arte, circunscrita ao ambiente escolar e acadêmico, para a sociedade e o sistema da arte. Ao mesmo tempo em que, com o crescimento da oferta de visitas, cursos e palestras para professores em instituições culturais nas últimas duas décadas, e principalmente a legitimação do uso de imagens no ensino da arte, as exposições e acervos passam a ser mais um dos assuntos tratados em sala de aula.

O museu visto como espaço de interação passa a ser fundamental no que diz respeito a troca e relacionamento entre professores. O encontro entre seus pares fora do ambiente escolar pode trazer a possibilidade de debates e novas formulações acerca do ensino da arte. Ações que quebram com o isolamento conceitual e metodológico dos profissionais que passam a debater sobre assuntos como arte contemporânea e prática de ensino.

Neste sentido Aguirre pontua a fundamental busca de interface com outros meios e instituições:

Estou consciente de que uma das primeiras ideias a serem banidas de nosso imaginário, como educadores, é a de considerar o fato educacional como uma espécie de partida que se joga a dois: docente (adulto), por um lado, e estudante de diversas idades (jovens), por outro. Da mesma forma, estou consciente de que não podemos permanecer na crença de que esta partida se joga apenas no terreno da escola formal. Faz tempo que, muitos companheiros e companheiros de estudo e trabalho ocupam-se em demonstrar o quão importante pode ser a educação artística em outros terrenos de jogo, como o da arte-terapia, a formação no campo da museologia, o *lifelong learning*, a educação social e tantos outros. (AGUIRRE, 2009, P.159)

Concordar com Aguirre é assumir que a sociedade precisa estar voltada para o terreno educacional, assim como o sistema da arte precisa estar voltado para o ensino da arte. Contudo, *estar voltado para* não significa ingerência, hierarquia de saberes e muito menos desconsiderar o saber específico da educação e arte-educação. Estamos falando precisamente de co-participação, inter-relação e criação de lugares educativos.

## Referências

AGUIRRE, Imanol. Imaginando um futuro para a educação artística. In.: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). *Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa*. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

DAVID, Priscila. *História Oral: Metodologia do Diálogo. Patrimônio e Memória (UNESP)*, v. 9, p. 157-170, 2013.

JOSSO, Marie\_Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In.: *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX.n.3 (63). P.413-438, set./dez.2007.

NÓVOA. António (org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1995.

## Diana Tubenchlak Peres

Mestranda na linha de pesquisa *Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural* no Instituto de Artes da UNESP; especialista em *Linguagens artísticas contemporâneas: ensino/aprendizagem* pela Faculdade Santa Marcelina e licenciada em *Educação Artística* pela UERJ. Desenvolve oficinas e atividades em projetos sociais, ONGs, museus e espaços culturais desde 2001 e seu foco de atuação é em mediação em arte contemporânea, formação de docentes e elaboração de propostas artísticas para todas as faixas etárias. Faz parte do GPIHMAE (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação) do IA-UNESP.